

ARQUEOLOGIA Cientistas da USP encontram construção do século 19 e sítios pré-históricos em Cananéia, no sul do Estado

Equipe revela relíquias submersas em SP

RICARDO BONALUME NETO
DA REPORTAGEM LOCAL

Eles já acharam os canhões e os muros de uma fortificação do século 19, um navio a vapor afundado em 1858 e restos de alimentação dos habitantes que por ali viviam milhares de anos atrás. Com um detalhe: tudo está debaixo do mar, em torno de Cananéia, no litoral sul paulista.

Trata-se de um grupo de arqueólogos subaquáticos que passou a integrar o projeto de pesquisas arqueológicas do baixo vale do Ribeira, coordenado pela pesquisadora Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP).

“O arqueólogo subaquático não

é só um mergulhador que pesquisa naufrágios. Queremos acabar com essa imagem de caçadores de tesouro. Nós pesquisamos sítios arqueológicos que estão embaixo d’água. Em vez de chegar de jipe, chegamos de barco”, diz Gilson Rambelli, doutorando orientado por Scatamacchia.

Ele é um dos pioneiros da área no país. Costuma dar cursos sobre arqueologia subaquática para arqueólogos e mesmo para mergulhadores leigos. Rambelli recebeu em setembro passado o Prêmio João Alfredo Rohr, da Sociedade de Arqueologia Brasileira, por sua defesa do patrimônio arqueológico do Brasil.

Para essa proteção, diz ele, é fundamental conseguir a colaboração da comunidade. Uma ma-

neira de fazer isso é treinar monitores ambientais locais, que se tornariam como que guias turísticos subaquáticos.

Rambelli está fazendo agora uma carta arqueológica inventariando os sítios submersos próximos às ilhas Comprida, do Cardoso e do Bom Abrigo e no canal de Cananéia (veja mapa à direita).

Entre as descobertas importantes para o estudo do povoamento da região estão vários sambaquis, colinas artificiais que resultam do acúmulo, durante anos, de conchas, esqueletos de animais e outros restos da alimentação de certas sociedades pré-históricas.

“Na ilha do Cardoso há um sambaqui que mergulha na água, tem uns dez metros de profundidade e cerca de seis metros fora d’água”, diz Rambelli. Um dos pesquisadores estudando esses sambaquis é o oceanógrafo Flávio Ricci Calippo, estudante de mestrado em arqueologia.

Os sambaquis submersos são particularmente importantes, pois indicam que a presença humana na região pode ser bem antiga. Já foram achados sítios com 5.000 anos de idade. Cerca de 17 mil anos atrás o nível do mar estava em torno de cem metros mais baixo. Os pesquisadores pretendem fazer sondagens no futuro para estudar esses sambaquis e tentar descobrir se algum deles foi construído em épocas mais antigas —o que daria novas pistas sobre o povoamento da América.

Fortim da barra

A colaboração multidisciplinar do grupo fica clara no trabalho de pesquisa do antigo fortim que defendia a barra de Cananéia (a entrada para o porto), tema do mestrado de Paulo Fernando Bava de Camargo.

Graças a um magnetômetro desenvolvido pelo Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG-USP) e um sonar de varredura lateral do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), foram encontrados dois canhões de ferro e o que parecem ser os restos do muro da pequena obra de defesa.

Eles estão a 26 metros de pro-

HISTÓRIA SOB AS ÁGUAS

Pesquisa arqueológica em Cananéia



Editoria de Arte/Folha Imagem



Imagem de sonar mostra canhão no fundo do mar

Reprodução

1 Vários sambaquis (depósitos de conchas, ossos e artefatos criados por populações pré-históricas) foram achados na ilha do Cardoso e no mar em torno. Um deles está a dez metros de profundidade, indicando uma ocupação antiga

2 Ao lado do “ferryboat” de Cananéia foram achados restos do vapor Conde D’Aquila, afundado em 1858. O navio fazia o trajeto entre Desterro (atual Florianópolis) e Rio de Janeiro

Fonte: MAE/USP

3 Os pesquisadores acharam ao largo da ponta da Trincheira dois canhões de ferro e restos de um fortim que protegia a barra do canal de Cananéia no século 19

4 Em torno da ilha do Bom Abrigo estão sendo pesquisados registros da passagem de navios —o lixo que várias gerações de marinheiros deixaram ali. A ilha também tem uma armação baleeira —onde se aparelhavam navios para caça do animal— datada de 1760

fundidade e a cerca de 400 metros da linha da praia. O fato de estarem tão distantes mostra como a forma da costa mudou na região. “A dinâmica costeira ali é fantástica”, diz Rambelli.

Segundo Bava de Camargo, em 1819 foi feito o levantamento da necessidade de fortificação ao longo da costa de São Paulo. “Em 1822 foram enviados uns velhos canhões ingleses para lá, verdadeira sucata, mas a fortificação só foi estabelecida entre 1824 e 1825.”

Na pequena ilha do Bom Abrigo, como diz o nome, os navios costumavam parar para obter água, madeira ou, simplesmente, se abrigarem do tempo ruim. Isso transformou o mar em torno em

um “sítio depositário” —apenas um nome mais bonito para depósito de lixo.

Os arqueólogos estão prospeitando o mar da ilha em busca desse lixo de várias gerações de marinheiros —pratos, cachimbos, garrafas, mesmo armas e munições podem estar ali. “O lixo é a maior preciosidade que existe”, brinca Rambelli, reforçando a idéia de que arqueólogos não ficam procurando tesouros de piratas, e sim conhecimento.

Na ilha do Bom Abrigo havia também uma armação baleeira datada de 1760 —o lugar onde se aprontavam os navios baleeiros e se processava o óleo de baleia.

Os navios estão entre os princi-

pais objetos estudados por arqueólogos, pois costumam ser “cápsulas do tempo” que preservam objetos capazes de ajudar a entender a cultura e as relações sociais do passado.

Um deles foi achado em um local inusitado: perto da balsa de Cananéia. Ali estão os restos do Conde d’Aquila, um vapor que fazia a rota Rio de Janeiro-Desterro (atual Florianópolis) em 1858. Pouca coisa se sabe sobre o afundamento desse navio. O trabalho arqueológico pode ajudar a fornecer as respostas.

“A arqueologia subaquática não serve só para ilustrar a história com objetos. Ela também pode contar histórias”, diz Rambelli.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL USP Documentação

Fonte: FSP (Ciência)

Data: 27/12/2001 Pg 116

Class: 0